


CRIATURAS
EXTRAORDINARIAMENTE
BRILHANTES

AMOSRA



A detailed illustration of an octopus tentacle, showing its suckers and texture, positioned vertically on the left side of the page.

Dia 1.299 do meu cativo

EU GOSTO DA ESCURIDÃO.

Todas as noites espero pelo clique das luzes de teto, e então resta apenas o brilho do tanque principal. Não é perfeito, porém é aceitável.

Escuro quase total, como nas profundezas do oceano. Vivi lá antes de ser capturado e aprisionado. Não me lembro de como era, porém ainda posso sentir o gosto das correntes indomáveis do gelado mar aberto. A escuridão corre em minhas veias.

Quem sou eu, você pergunta? Meu nome é Marcellus, porém a maioria dos humanos não me chama assim. Normalmente, chamam-me de “aquele ali”. Por exemplo: “Olhe aquele ali, lá, atrás da pedra, dá para ver só os tentáculos.”

Eu sou um polvo-gigante-do-Pacífico. Sei disso por causa da placa na parede ao lado de meu recinto.

Sei o que você está pensando. Sim, eu sei ler. Sei fazer muitas coisas que você não imaginaria.

A placa diz mais: meu tamanho, alimentação preferida e onde eu viveria se não fosse um prisioneiro aqui. Menciona também minha proeza intelectual e inclinação à inteligência, o que, por algum motivo, parece surpreender os humanos: *Polvos são criaturas extraordinariamente brilhantes*, diz a placa. Ela alerta os visitantes sobre minha camuflagem e recomenda que me procurem com atenção redobrada no caso de eu ter me disfarçado a fim de me parecer com a areia.

A placa não diz que meu nome é Marcellus. Porém, o humano chamado Terry, o responsável por este aquário, às vezes conta para os visitantes que se aglomeram perto de meu tanque: “Estão vendo ali no fundo? O nome dele é Marcellus. Ele é um bicho especial.”

Um bicho especial. De fato.

Foi a filha pequena de Terry quem escolheu meu nome. Marcellus McLulallus, na verdade. Sim, é ridículo. Faz muitos humanos pensarem que sou uma lula, o que é um insulto do pior tipo.

Como deve se referir a mim, você pergunta? Bom, a escolha é sua. Talvez acabe optando por “aquele ali”, como todos os outros. Eu espero que não, porém não guardarei rancor. Você é apenas humano, afinal.

Devo avisar que nosso tempo juntos pode ser breve. A placa traz mais uma informação: a expectativa de vida de um polvo-gigante-do-Pacífico. Quatro anos.

Minha expectativa de vida: Quatro anos, 1.460 dias.

Fui trazido para cá quando era jovem. E morrerei aqui, neste tanque. Faltam no máximo 160 dias para que minha pena seja cumprida.



CICATRIZ EM FORMA DE MOEDA

Tova Sullivan se prepara para a guerra. Quando ela se inclina para estudar o inimigo, uma luva de borracha amarela se eriça em seu bolso de trás como a crista de um canário.

Chiclete.

— Pelo amor de Deus. — Ela golpeia a massa cor-de-rosa com o cabo do esfregão. Camadas de marcas de solas de tênis carimbam a superfície e a encardem com sujeira.

Tova nunca entendeu o propósito de mascar chiclete. E as pessoas os perdem com tanta facilidade. Talvez aquele mascador estivesse conversando, sem parar, e a goma simplesmente caíra para fora, arrastada por um lodo de palavras supérfluas.

Ela se inclina e empurra a lateral da coisa com a unha, mas a massa não solta do chão. Tudo isso porque alguém não pôde dar quatro passos até a lixeira. Certa vez, quando Erik era pequeno, Tova o pegou colando um pedaço de goma debaixo da mesa de um restaurante. Foi a última vez que ela lhe comprou chiclete, embora como ele tenha usado a mesada na adolescência estava, como tantas outras coisas, além do seu controle.

Armamento especializado será necessário. Uma lima, talvez. Nada em seu carrinho conseguirá arrancar o chiclete.

Quando ela se levanta, suas costas estalam. O som ecoa pela curva deserta do corredor, que reluz sua usual luz azul enquanto Tova anda em direção ao almoxarifado. Ninguém a culparia, é claro, por passar por cima da massa de chiclete com o esfregão. Aos 70 anos de idade, não esperam que ela faça uma limpeza tão pesada assim. Mas precisa, ao menos, tentar.

Além disso, é algo com o que se ocupar.

TOVA É A funcionária mais antiga do Aquário de Sowell Bay. Todas as noites, ela passa pano no chão, lustra os vidros e esvazia as lixeiras. A cada duas semanas, pega um contracheque em seu armário na sala dos funcionários. Catorze dólares a hora, menos as deduções e impostos obrigatórios.

O envelope é enfiado ainda fechado numa caixa de sapato no topo de sua geladeira. O depósito rende diretamente numa poupança esquecida no banco de Sowell Bay.

Ela anda em direção ao almoxarifado agora, com uma agilidade determinada que seria impressionante para qualquer um, mas que é totalmente espantosa para uma senhorinha de costas curvadas e ossos fracos como os de um passarinho. Acima dela, a chuva respinga na cúpula de vidro, iluminada pelo brilho dos holofotes de segurança das velhas docas de balsa ao lado. Gotas prateadas correm pelo vidro como fitilhos cintilantes no céu coberto pela névoa. Havia sido um terrível mês de junho, todos diziam. O tempo nublado não incomoda Tova, mas seria ótimo se a chuva desse uma trégua longa o bastante para secar seu jardim da frente. O cortador de grama entope com a lama.

No formato de um *donut*, com teto em redoma, um tanque principal ao centro e recintos menores do lado, o prédio do aquário não é particularmente grande ou impressionante, talvez para combinar com Sowell Bay, que também não é grande nem impressionante. Do local onde Tova teve o encontro com o chiclete até o almoxarifado é uma meia volta completa no círculo. Seu tênis branco chia contra uma seção que ela já limpou, deixando pegadas opacas no piso reluzente. Sem dúvida, passará o esfregão de novo ali.

Ela para na alcova baixa, onde há uma estátua de leão-marinho-do-Pacífico. Os pontos lustrosos em suas costas e na cabeça lisa, gastos pelas décadas de ser acariciado e escalado por crianças, apenas contribuem para o realismo. Acima da lareira na casa de Tova, há uma foto de Erik, talvez com 11 ou 12 anos de idade, montando nas costas da estátua com um sorriso largo e uma mão erguida como se estivesse prestes a jogar um laço. Um cowboy do mar.

É uma das últimas fotos em que ele aparece com cara de criança e despreocupado. Tova organiza todos os retratos em ordem cronológica: uma montagem de sua transformação de bebê com sorriso banguela em um adolescente bonito, mais alto que o pai, posando em sua jaqueta de couro. Colocando um broche florido no vestido da garota que levou ao baile da escola. No topo de um pódio improvisado no cascalho da margem azul-escura de Puget Sound, erguendo o troféu de uma regata do colégio. Tova toca a cabeça gelada do leão-marinho ao passar e reprime a tentação de mais uma vez imaginar como seria a aparência de Erik agora.



Ela segue em frente, como é devido, pelo corredor pouco iluminado. À frente do tanque dos guelras-azuis, ela faz uma pausa:

— Boa noite, queridos.

Os caranguejos-japoneses são os próximos:

— Olá, meus amores.

— Como você está? — pergunta ela ao peixe *sculpin* de focinho pontudo.

Tova não é muito fã das enguias-lobos, mas acena com a cabeça. Não se deve ser rude, mesmo que elas lembrassem os filmes de horror da TV a cabo a que o falecido marido de Tova, Will, assistia no meio da madrugada quando a náusea da quimioterapia não o deixava dormir. A maior enguia desliza para fora da caverna entre as rochas, com sua característica fisionomia carrancuda e prognata. Dentes afiados se projetam para cima da mandíbula inferior como pequenas agulhas. Um aspecto lamentável, para dizer o mínimo. Mas as aparências enganam, não é verdade? Tova sorri para ela, mesmo que o peixe não possa lhe sorrir de volta, nem se quisesse, com uma cara daquelas.

O próximo recinto é o preferido de Tova. Ela se inclina para chegar mais perto do vidro.

— E então, senhor, como foi o seu dia hoje?

Ela leva um momento para encontrá-lo: um tiquinho de laranja atrás da rocha. Visível, mas sem querer, como o erro de uma criança brincando de esconde-esconde: o rabo-de-cavalo de uma menina que pula de trás do sofá, ou um pé de meias que sobra para fora do vão embaixo da cama.

— Está tímido esta noite? — Ela se afasta e espera; o polvo-gigante-do-Pacífico não se mexe. Tova imagina o movimento do dia, as pessoas batucando os nós dos dedos no vidro, dispersando-se para longe quando não veem nada. Ninguém mais sabe ser paciente hoje em dia.

— Não posso dizer que culpo você. Realmente parece confortável aí no fundo.

O braço laranja se revira, mas o corpo continua enfiado no esconderijo.

O CHICLETE ARMA uma defesa valente contra a lima, mas eventualmente se solta.

Quando é arremessada na lata de lixo, a massa endurecida desliza contra o plástico num satisfatório farfalhar.

Agora Tova passa pano no chão. De novo.

O cheiro de vinagre com algumas gotas de limão tinge o ar, evaporando do azulejo úmido. Muito melhor do que o produto detestável que usavam

quando Tova começou a trabalhar ali, uma porcaria verde brilhante que queimava suas narinas. Ela se opôs logo de cara. Para começar, o produto a fazia ficar tonta e, além disso, deixava marcas feias no chão. Mas talvez o pior de tudo fosse que cheirava como o quarto de Will no hospital, como seu falecido marido doente, embora Tova tenha omitido essa parte de sua argumentação.

As prateleiras do almoxarifado do aquário estavam abarrotadas daquela porcaria verde, mas Terry, o diretor, finalmente deu de ombros e disse que ela poderia usar o que quisesse desde que providenciasse por conta própria. Com toda certeza, concordou Tova. Então todas as noites ela chega carregando um galão de vinagre e seu frasco de óleo de limão.

Agora, mais lixo a coletar. Ela esvazia os cestos no saguão e as latas do lado de fora dos banheiros, e então termina na sala dos funcionários, com suas intermináveis migalhas no balcão. Não faz parte de seu trabalho, já que uma equipe profissional de Elland toma conta disso a cada quinze dias, mas Tova sempre passa sua flanela ao redor da base da cafeteira antiga e dentro do micro-ondas manchado de respingos, que cheira a espaguete. Hoje, entretanto, há algo mais urgente: embalagens de comida vazias no chão. Três delas.

— Inacreditável — diz Tova, ralhando com a sala deserta. Primeiro o chiclete, agora isso.

Ela pega as embalagens e as joga na lixeira, que, estranhamente, fora arrastada alguns metros para longe de seu lugar usual. Depois de esvaziá-la no saco de seu carrinho, Tova a coloca de volta no lugar certo.

Perto do lixo há uma pequena mesa de refeições. Tova alinha as cadeiras. Então ela vê.

Algo. Debaixo da mesa.

Um montinho marrom-alaranjado, encolhido no canto. Um moletom? Mackenzie, a simpática jovem que trabalha no quiosque da entrada, sempre deixa o dela pendurado no encosto de uma cadeira. Tova ajoelha e se prepara para pegá-lo e enfiá-lo no armário de Mackenzie. Mas então o montinho se mexe.

Um *tentáculo* se mexe.

— Ai, meu Deus!

Os olhos do polvo se materializam de algum lugar na massa de membros. As pupilas cor-de-mármore se arregalam, e então as pálpebras se estreitam. Reprovação.

Tova pisca, não se convencendo de que seus olhos estão funcionando direito. Como pode o polvo-gigante-do-Pacífico estar fora de seu tanque?



O braço se mexe de novo. A criatura está enroscada na bagunça de cabos de energia. Quantas vezes Tova amaldiçoara aqueles fios? Eles tornam impossível varrer direito.

— Você está preso — sussurra ela, e o polvo levanta, com esforço, a grande cabeça bulbosa, forçando um dos braços, ao redor do qual um cabo fino, do tipo usado para carregar celulares, está enrolado várias vezes. A criatura puxa com força e as cordas apertam mais, a pele inchada entre cada volta. Erik tinha um brinquedo assim, de uma loja de magia. Um pequeno cilindro trançado em que se coloca um indicador em cada ponta e então se puxa para soltá-los. Quanto mais a pessoa puxa, mais apertado fica.

Tova se aproxima. Em resposta, o polvo chicoteia o chão com um de seus braços como se dissesse: *“Afastese, mulher.”*

— Está bem, está bem — murmura ela, saindo de debaixo da mesa.

Ela se levanta e acende a luz, inundando a sala dos funcionários com um brilho fluorescente. Então começa a se abaixar de novo, mais devagar desta vez. Mas, como sempre, suas costas estalam.

Com o som, o polvo se irrita de novo, arremessando uma das cadeiras com uma força alarmante, fazendo-a deslizar pela sala e ricochetear na parede oposta.

De debaixo da mesa, os olhos impossivelmente claros da criatura estão brilhando.

Determinada, Tova chega mais perto e tenta controlar as mãos trêmulas. Quantas vezes passou pela placa debaixo do tanque do polvo-gigante-do-Pacífico? Ela não consegue se lembrar de nada dizendo que polvos sejam perigosos para humanos.

Está a apenas um braço de distância. Ele parece se encolher, e sua cor se tornou pálida. Polvos têm dentes?

— Meu amigo — diz ela suavemente —, vou colocar a mão atrás de você e tirar o plugue da tomada.

Ela olha ao redor e vê exatamente qual cabo é a fonte do infortúnio. Dá para alcançar.

Os olhos do polvo acompanham cada um de seus movimentos.

— Não vou machucar você, meu bem.

Um dos braços livres bate no chão como o rabo de um gato doméstico.

Quando o plugue se solta da tomada, o polvo recua depressa. Tova recua também. Esperava que ele deslizesse pela parede até a porta, na direção em que estivera puxando.

Mas, em vez disso, ele se aproxima.

Como uma cobra alaranjada, um de seus tentáculos se arrasta, sinuoso, na direção dela. Em segundos, enrola-se em seu braço e então se torce ao redor de seu cotovelo e bíceps como na dança de um pau de fitas. Ela consegue sentir cada ventosa se fixando na pele. Por reflexo, tenta puxar o braço, mas o polvo o aperta com mais força, quase ao ponto de causar desconforto. Seus olhos têm um brilho divertido, como os de uma criança travessa.

Embalagens vazias. Lixeira fora do lugar. Agora faz sentido.

Então, num instante, ele a solta. Tova observa, incrédula, enquanto ele desliza para fora da sala dos funcionários, usando as ventosas da parte mais grossa de cada uma de suas oito pernas. Seu manto parece se arrastar atrás e está mais pálido agora, movimenta-se com esforço. Tova corre atrás dele, mas, quando chega ao corredor, o polvo não está mais à vista.

Ela passa a mão no rosto. Está perdendo a lucidez. É, é isso. Assim que começa, não é? Com alucinações de um polvo?

Anos atrás, ela acompanhou a mente de sua falecida mãe se desfalecer aos poucos. Começara com esquecimentos ocasionais, nomes de familiares e datas. Mas Tova não esquece números de telefone e não precisa caçar nomes no fundo da memória. Ela olha para baixo, para o braço que está coberto de minúsculos círculos. Marcas de ventosas.

Um tanto atordoada, termina as tarefas da noite e então dá sua costureira volta final pelo prédio para dizer boa noite.

“Boa noite, guelras-azuis, enguias, caranguejos-japoneses, sculpin. Boa noite, anêmonas, cavalos-marinhos, estrelas-do-mar.”

Após a curva, ela continua: *“Boa noite, atum, linguado e arraias. Boa noite, águas-vivas, pepinos-do-mar. Boa noite, tubarões, seus coitadinhos.”* Tova sempre teve um pouco de empatia pelos tubarões, com suas voltas intermináveis ao redor do tanque. Ela sabe como é nunca poder parar de se mexer, sob risco de se sufocar.

Lá está o polvo, escondido atrás de sua rocha de novo. Um punhadinho do corpo sobrando para fora. O laranja está mais vívido agora, em relação a sua aparência na sala dos funcionários, mas continua mais pálido que o comum. É, talvez seja bem-feito para ele. Precisa se comportar. Como foi que saiu, afinal? Ela espia pelas ondinhas da água, correndo os olhos pelo topo do tanque, a tampa, mas nada parece fora do lugar.

— Encrenqueiro — diz ela, balançando a cabeça, e se demora um momento a mais em frente ao recinto antes de ir embora.



O **CARRO HATCH** amarelo faz *bip-bip* e pisca as luzes laterais quando Tova aperta o controle, uma função à qual ainda não está acostumada. Suas amigas, o grupo de senhoras elegantes que chamam a si mesmas de Tricoteiras Criativas, convenceram-na de que precisava de um carro novo quando começou no emprego. Um perigo, argumentaram, dirigir à noite num carro velho. Ficaram atormentando Tova por semanas.

Às vezes, é mais fácil simplesmente ceder.

Depois de colocar o galão de vinagre e o frasco de óleo de limão no porta-malas, como sempre, porque, não importa quantas vezes Terry lhe diga que pode guardá-los no almoxarifado, não dá para prever quando um tanto de limão e vinagre farão falta, ela olha de relance para o píer lá embaixo. Está vazio a esta hora, os pescadores do início da noite já foram embora faz tempo. A antiga doca de balsas fica na direção oposta ao aquário, como uma máquina antiga a se deteriorar. Cracas cobrem seus pilares despedaçados. Na maré alta, algas ficam presas nas cracas e se transformam em placas secas de um verde escurecido quando a água do mar recua.

Tova cruza as tábuas de madeira gastas pelo tempo. Como sempre, a antiga cabine da bilheteria está a exatos 38 passos da vaga onde parou o carro.

Ela olha ao redor mais uma vez para se certificar de que não há ninguém se escondendo nas sombras compridas, pressionando a mão contra a janela de vidro da cabine. Sua trinca em diagonal é como uma cicatriz antiga na bochecha de alguém.


Então caminha para o píer, até o banco de sempre. Está escorregadio com respingos da água salgada e sujo de cocô de gaivota. Ela se senta, arregaça a manga e olha para as estranhas marcas redondas, quase esperando que tivessem sumido. Mas lá estão. Ela passa a ponta do dedo ao redor da maior delas, bem na parte interna do pulso. É mais ou menos do tamanho de uma moeda de um dólar. Por quanto tempo ficará ali? Vai formar um hematoma? É tão fácil ficar com a pele roxa esses dias, e a marca já está ficando vermelho-escura, como uma bolha de sangue. Talvez vire algo permanente. Uma cicatriz em forma de moeda.

A névoa se dissipou, gentilmente empurrada pelo vento até o interior, na direção das montanhas. Ao sul, um cargueiro está ancorado, o casco baixo sob as fileiras de contêineres empilhados como blocos de criança em seu deque. O luar dança sobre a água, milhares de velas ondulantes na

superfície. Tova fecha os olhos e o imagina lá no fundo, segurando velas para ela. Erik. Seu único filho.



AMOSTRA

A detailed black and white illustration of an octopus tentacle, showing the suckers and the texture of the skin. It is positioned on the left side of the page, partially overlapping the text area.

Dia 1.300 do meu cativo

CARANGUEJOS, AMÊIJOAS, CAMARÕES, VIEIRAS, berbigões, abalones, peixes, ovas de peixes. Essa é a dieta de um polvo-gigante-do-Pacífico, de acordo com a placa ao lado do meu tanque.

O mar deve ser um buffet maravilhoso. Todas essas iguarias, disponíveis para pegar à vontade.

Porém, o que é que eles servem aqui? Cavala, alabote e, principalmente, arenque. Arenque, arenque, tanto arenque. São criaturas detestáveis, peixinhos magrelos e nojentos. Tenho certeza de que o motivo para sua abundância aqui é o preço baixo. Os tubarões no tanque principal são recompensados por sua chatices com garoupa fresca, e eu recebo arenque descongelado. Às vezes, até meio congelado ainda. É por isso que preciso tomar uma atitude e me virar por conta própria quando desejo a sublime textura de ostra fresca, quando almejo sentir o estalo de meu bico quebrando a casca de um caranguejo, quando tenho ânsia pela doce e crocante carne de um pepino-do-mar.

Eventualmente meus captadores atiram uma vieirinha de dar dó no meu tanque, quando estão tentando me fazer cooperar com um exame médico ou me subornar a jogar um de seus jogos. E, de vez em quando, Terry me dá um mexilhão ou dois sem motivo nenhum.

É claro que eu já provei caranguejos, amêijoas, camarões, berbigões e abalones várias vezes. Só que preciso me virar sozinho para buscá-los à noite. Ovas de peixe são um lanche ideal, tanto em termos de nutrição quanto de prazer gastronômico.

É possível fazer uma terceira lista aqui, que consiste em coisas que os humanos adoram, porém consideradas totalmente inadequadas para consumo por formas de vida mais inteligentes. Por exemplo, cada um dos itens disponíveis na máquina de produtos no saguão.

Porém, esta noite, outro cheiro me atraiu. Doce, salgado, saboroso. Encontrei sua fonte na lixeira, as sobras escondidas numa frágil embalagem branca.

Seja lá o que fosse, estava delicioso. Porém, se eu não tivesse tido sorte, poderia ter sido meu fim.

A mulher da limpeza. Ela me salvou.



AMOSTRA